


A ESCUTA COMO FERRAMENTA DE APOIO À PRÁTICA DOCENTE**LISTENING AS A TOOL TO SUPPORT TEACHING PRACTICE** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.020-029>**Wilianne Teodoro Soares**

Especialista em Saúde da Família

Universidade Regional do Cariri – URCA

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Altaneira/CE – SME

E-mail: wiliannesoes@gmail.comLATTES: <http://lattes.cnpq.br/0356448211745116>ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1107-9409>**Francisco Renato Silva Ferreira**

Mestre em Ensino em Saúde

Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Altaneira/CE – SME

E-mail: renatoferreira@altaneira.ce.gov.brLATTES: <http://lattes.cnpq.br/6775378848524040>ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3977-0136>**Luana de Sá Ananias Pinheiro**

Especialista em Intervenção ABA Aplicada ao Trabalho do TEA e DI

Faculdade Cecape – CECAPE

Vínculo Institucional: Centro Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU

E-mail: luanananias2@gmail.comORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5440-5798>**Nirreily Alves de Almeida**

Especialista em Análise do Comportamento Aplicada

Faculdade Futura – FUTURA

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Altaneira/CE – SME

E-mail: nirreilyaalmeida@gmail.comORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4964-5657>**Ana Camila da Silva Costa**

Especialista em Saúde Mental

Universidade Regional do Cariri – URCA

Vínculo Institucional: Secretaria Municipal de Educação de Altaneira/CE – SME

E-mail: anacamilacostapsi@gmail.comORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6784-5913>



Tereza Raquel Pontes da Silva

Especialista em Direitos das Famílias
Universidade Regional do Cariri – URCA
Vínculo Institucional: Prefeitura Municipal de Tarrafas/CE
E-mail: raquel.pontes001@gmail.com
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3277614470341610>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3498-760X>

Moema Alves Macêdo

Doutora em Psicologia
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
Vínculo Institucional: Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO
E-mail: moema@leaosampaio.edu.br
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4015132590283508>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4161-5901>

Emília Suitberta de Oliveira Trigueiro

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano
Universidade de São Paulo – USP
Vínculo Institucional: Centro Universitário Dr. Leão Sampaio – UNILEÃO
E-mail: emiliatrigueiro@hotmail.com
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9822998325539879>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7649-7688>

RESUMO

O presente artigo analisa a escuta como ferramenta de apoio à prática docente, compreendendo-a como dimensão ética, relacional e formativa indispensável à humanização do ensino e à construção de vínculos pedagógicos significativos. Fundamentado em uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter interpretativo, o estudo dialoga com os princípios da Psicologia Educacional e da Educação Humanista, à luz das contribuições de Carl Rogers (2009), Paulo Freire (2019), Lev Vygotsky (1998), Edgar Morin (2021) e Daniel Goleman (2018). As reflexões apontam que escutar não é mero gesto de empatia, mas uma ação pedagógica intencional que promove o diálogo, fortalece a saúde emocional docente e favorece o aprendizado significativo. A escuta é entendida como um ato político e educativo que amplia a consciência sobre o outro e sobre si, reconfigurando o espaço escolar como ambiente de cuidado e convivência ética. Os resultados indicam que práticas pedagógicas baseadas na escuta empática contribuem para o desenvolvimento integral dos sujeitos e para a construção de uma cultura escolar inclusiva, colaborativa e emocionalmente equilibrada. Conclui-se que escutar é uma forma de educar com sensibilidade, reconhecer o humano em sua totalidade e reafirmar o sentido transformador da docência.

Palavras-chave: Escuta docente; Formação humanista; Educação emocional.

ABSTRACT

This article examines listening as a tool to support teaching practice, understood as an ethical, relational, and formative dimension essential to the humanization of education and to the establishment of meaningful pedagogical bonds. Based on a qualitative, bibliographical, and interpretive approach, the study engages with the principles of Educational Psychology and Humanistic Education, drawing on the ideas of Carl Rogers (2009), Paulo Freire (2019), Lev Vygotsky (1998), Edgar Morin (2021), and Daniel Goleman (2018). The analysis shows that listening is not merely an empathetic gesture, but a deliberate pedagogical act that promotes dialogue, strengthens teachers' emotional well-being, and enhances meaningful learning. Listening is presented as a political and educational action that deepens awareness of self and others,



transforming the school space into an environment of care and ethical coexistence. The findings suggest that educational practices grounded in empathic listening foster holistic development and the creation of inclusive and collaborative school cultures. It concludes that listening is a way of educating with sensitivity, recognizing human totality, and reaffirming the transformative purpose of teaching.

Keywords: Teacher listening; Humanistic education; Emotional development.



1 INTRODUÇÃO

Pensar a docência no presente exige deslocar o foco da mera transmissão de conteúdos para a construção de relações educativas baseadas no vínculo, no respeito e na responsabilidade compartilhada entre professor e estudante. Nesse horizonte, a escuta deixa de ser percebida como atitude de boa vontade pessoal e passa a ser compreendida como parte do trabalho pedagógico em si. Escutar, para o professor, é fazer leitura de contexto, identificar sentidos e necessidades, interpretar silêncios, acolher conflitos e produzir oportunidades de aprendizagem a partir da experiência real do aluno. Ouvir, assim, é também planejar, intervir e ensinar.

O cotidiano escolar está atravessado por tensões pedagógicas, emocionais, sociais e institucionais que incidem diretamente sobre o ato de ensinar. A sala de aula não é apenas um espaço de conteúdo; é um campo de convivência marcado por inseguranças, expectativas, frustrações e tentativas de reconhecimento. Nesse cenário, a escuta surge como prática que sustenta a mediação pedagógica e favorece o clima de confiança necessário à aprendizagem. Escutar o aluno, o grupo e a si mesmo é reconhecer que a educação é uma experiência relacional, e não um processo puramente técnico.

Carl Rogers (2009, p. 89), ao refletir sobre a centralidade da escuta na relação de ajuda, descreve a potência formativa do ato de ouvir com presença e autenticidade:

Ouvir o outro com atenção genuína é um dos gestos mais profundos da condição humana, pois significa reconhecer que a experiência do outro tem valor e merece ser compreendida. Escutar é estar presente sem julgar, é criar um espaço de autenticidade no qual o indivíduo pode se perceber como alguém digno de ser ouvido. Quando o ser humano se sente realmente escutado, sem defesas e sem a intenção de ser corrigido, ele começa a reorganizar sua própria experiência interior e encontra, pouco a pouco, um caminho para compreender a si mesmo. Essa forma de escuta, fundada no respeito e na empatia, liberta a pessoa do medo de ser mal interpretada e possibilita o florescimento de sua verdadeira identidade, pois a compreensão do outro é também um modo de acolher o humano em sua totalidade.

Ao trazermos essa leitura para a escola, percebemos que a escuta é elemento estruturante da prática docente, e não mero adereço afetivo. Quando o aluno se sente ouvido, ele se sente visto. Quando se sente visto, sente-se parte. Quando se sente parte, ele se engaja, pergunta, se desloca, aprende. A escuta, portanto, é também estratégia pedagógica de engajamento.

Paulo Freire reforça que ensinar é um ato político mediado pela palavra e pelo encontro. Em sua concepção de diálogo como prática libertadora, ele afirma que a palavra não existe sem escuta, e que não há ensino sem esse movimento de mão dupla entre dizer e ouvir. Nas palavras de Freire (2019, p. 67):



Escutar é mais do que ouvir palavras. É acolher o outro em sua inteireza, compreender sua forma de ver o mundo e, a partir daí, construir coletivamente um novo modo de existir e aprender. Quem escuta com abertura não teme ser transformado pelo diálogo, pois sabe que o saber nasce do encontro entre consciências que se respeitam. Escutar é também um gesto político, porque desafia as relações de poder que reduzem o outro ao silêncio e restabelece a palavra como instrumento de libertação. No ato de escutar, o educador aprende com o educando e reconhece que a verdadeira comunicação se constrói na humildade, na amorosidade e na disposição para compreender o inacabamento humano que habita a todos nós.

Isso evidencia que escutar não é um gesto neutro nem um movimento de complacência afetiva, mas uma escolha profissional e ética. Ouvir o estudante com atenção, reconhecer o que ele diz e levar sua palavra a sério é, de fato, uma tomada de posição pedagógica. Ao escutar de maneira intencional, o professor rompe com a lógica em que o aluno é apenas receptor de conteúdos e o reconhece como alguém que pensa, interpreta, reage, elabora e produz leitura de mundo. Esse reconhecimento não é decorativo: ele devolve ao estudante o lugar de sujeito de saber, autoriza sua presença discursiva em sala e o reintegra como agente do processo educativo, isto é, alguém que participa da construção do conhecimento e não apenas assiste a ela. Escutar, portanto, é um modo concreto de redistribuir poder dentro da sala de aula e transformar relação de autoridade em parceria formativa.

A Psicologia Educacional, especialmente nas formulações socioculturais, também ajuda a compreender por que a escuta é constitutiva da prática de ensinar. Vygotsky (1998) demonstra que a aprendizagem se dá na relação e que a mediação verbal — aquilo que se enuncia, pergunta, explica, devolve — é a base do desenvolvimento intelectual. O professor que escuta não recolhe apenas relatos emocionais: ele recolhe pistas cognitivas, pistas de compreensão, pistas de onde está a dúvida real. Assim, a escuta é ferramenta diagnóstica, condição para o planejamento significativo e para o apoio didático ajustado ao aluno.

Ao lado disso, a perspectiva complexa de Morin (2021) lembra que educar é lidar com a pluralidade do humano e que não há acesso à complexidade sem abertura à alteridade. No dizer do autor (2021, p. 102):

Educar é, antes de tudo, aprender a compreender. E compreender supõe a capacidade de sair de si, de abandonar certezas, de mergulhar na complexidade do outro para com ele aprender a viver. Compreender exige empatia, humildade e a consciência de que o conhecimento é sempre incompleto e em constante construção. Educar, portanto, não é domesticar o pensamento, mas libertá-lo para o diálogo e para o encontro com a diversidade humana. A verdadeira compreensão se realiza quando o sujeito é capaz de perceber o outro não como adversário, mas como parte da mesma condição humana que o desafia a repensar suas próprias verdades e a reconhecer a interdependência que sustenta a vida.

Essa perspectiva desloca a escuta do campo da moralidade — aquela ideia de “escutar porque é bonito” ou porque demonstra gentileza — para situá-la no centro das exigências pedagógicas. Escutar, nesse sentido, é um ato profissional e intencional, indispensável à prática docente. Sem a escuta, o professor perde a leitura de contexto, não identifica as necessidades reais dos estudantes e compromete a construção de



sentidos compartilhados que dão vida ao processo educativo. Escutar é, portanto, condição para interpretar a realidade escolar, favorecer a construção coletiva do conhecimento e sustentar uma convivência democrática, em que a palavra de cada sujeito é reconhecida como parte legítima da experiência de aprender e ensinar.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo analisar a escuta como ferramenta de apoio à prática docente, compreendendo-a como mediação pedagógica, forma de cuidado e instrumento de construção de processos de aprendizagem significativa. A pesquisa parte da hipótese de que a escuta, quando assumida como princípio profissional, atua diretamente na qualidade das relações em sala de aula, na saúde mental docente e na humanização da escola.

Em um tempo em que o trabalho docente é pressionado por produtividade, burocracia e responsabilização individual, escutar — escutar o aluno, escutar o colega, escutar a si mesmo — é também uma prática de resistência ética e de preservação do sentido de ser professor. Escutar é manter vivo o humano dentro da escola.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ESCUTA E DIÁLOGO COMO FUNDAMENTOS HUMANISTAS DA DOCÊNCIA

Entender a escuta como parte da prática docente implica reconhecer que ensinar é um ato relacional e que toda relação exige reconhecimento mútuo. A tradição humanista de Carl Rogers rompe com modelos autoritários e tecnicistas de relação educativa ao defender que nenhum processo formativo acontece plenamente onde não há aceitação, respeito e disponibilidade genuína para ouvir o outro. A escuta empática, nessa perspectiva, não é delicadeza periférica; é condição para que o sujeito participe, se coloque, se reconheça no espaço educativo.

Rogers (2009, p. 93) descreve a potência transformadora da escuta dessa forma:

Quando uma pessoa se sente profundamente ouvida, seus olhos se iluminam, ela se torna mais viva, mais próxima de sua própria verdade. Escutar com empatia é conceder ao outro a liberdade de ser o que é, sem medo de julgamento ou rejeição. É um gesto de confiança na potência humana que habita em cada sujeito, porque ouvir é oferecer presença e respeito. A escuta autêntica permite que o indivíduo se perceba como alguém digno de existir, favorecendo o florescimento de suas potencialidades mais genuínas. Ao ser escutado com sensibilidade, o ser humano reencontra o equilíbrio entre emoção e razão, e, nessa harmonia, reconhece o poder transformador da compreensão mútua que só o encontro verdadeiro é capaz de proporcionar.

No contexto escolar, isso significa: quando o professor escuta, ele não apenas acolhe o estudante como pessoa, mas cria condições concretas para que esse estudante permaneça no processo educativo e se implique nele. Em outras palavras, a escuta sustenta permanência escolar, pertencimento e engajamento pedagógico.



Paulo Freire adiciona um componente político decisivo a essa discussão. Para Freire, a escuta é inseparável do diálogo e o diálogo é o eixo de uma educação que reconhece todos como sujeitos históricos. Freire (2019, p. 87) enfatiza:

O diálogo verdadeiro não pode existir sem uma profunda atitude de amor, humildade e fé nos homens. Escutar o outro é abrir-se à palavra que ele traz, é reconhecer que ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, mas os homens se educam em comunhão, mediados pelo mundo que partilham. O diálogo, enquanto prática libertadora, nasce do respeito às diferenças e do compromisso com a dignidade humana. Ele exige uma escuta ativa, capaz de compreender as razões do outro e de permitir que a palavra circule como expressão de liberdade. A educação, nesse sentido, realiza-se no encontro de consciências que se movem pelo desejo de compreender e de transformar a realidade, fazendo do diálogo o espaço onde o saber e a vida se reencontram em plenitude.

Ao trazermos Freire para dentro da sala de aula de hoje, compreendemos que escutar o aluno é reconhecer que ele não é apenas destinatário do conteúdo, mas produtor de leitura de mundo. A escuta docente, portanto, não enfraquece a autoridade pedagógica. Ao contrário: ela legitima uma autoridade baseada na confiança e não no medo. A autoridade que escuta governa pela presença e não pelo controle.

Morin (2021, p. 104) amplia esse debate ao situar a escuta como condição de uma educação para a complexidade:

Compreender o outro exige sair de si, abandonar a centralidade do próprio ego e admitir a incerteza como condição da relação. Escutar é acolher a diferença e reconhecer no outro um espelho da própria humanidade. É somente pela escuta que o saber se converte em sabedoria, pois ela nos permite religar o que o pensamento fragmentado separou. A verdadeira compreensão nasce quando somos capazes de reconhecer a complexidade que nos constitui e de enxergar no outro não uma ameaça, mas uma extensão da própria existência. O ato de escutar revela-se, assim, como um exercício de humildade intelectual e de abertura ética, que humaniza o conhecimento e reconcilia a razão com a sensibilidade, permitindo que o aprender se torne também um ato de comunhão e de vida.

Assim, do ponto de vista humanista, a escuta não é apenas afeto; é critério de validade ética do ato educativo. Não há docência humanizadora sem escuta. Não há autonomia intelectual sem diálogo. Não há construção de sentido sem reconhecimento do outro como sujeito.

A escola que assume esse paradigma desloca-se de um modelo hierárquico para um modelo relacional. Em vez da ordem silenciosa, a palavra compartilhada. Em vez da neutralidade fria, a presença ética. Em vez da disciplina pelo medo, o compromisso pelo pertencimento. A escuta torna-se, portanto, método formativo, horizonte ético e gesto político.

2.2 PSICOLOGIA EDUCACIONAL, ESCUTA DOCENTE E MEDIAÇÃO DO APRENDER

A Psicologia Educacional amplia a compreensão da escuta ao demonstrar que ela tem função pedagógica direta. O professor que escuta não está apenas acolhendo o emocional do aluno; ele está recolhendo indicadores de onde estão as dificuldades cognitivas, os bloqueios atencionais, os conflitos de



convivência que impedem a aprendizagem, os desencaixes entre a proposta didática e a realidade concreta daquela turma.

Para Vygotsky (1998, p. 84), o aprender é sempre atravessado pelo outro:

Cada função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro, no nível social e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas, e depois dentro da própria criança. Toda aprendizagem é mediada pela presença do outro, que atua como espelho e ponte entre o eu e o mundo. É na interação social que o sujeito internaliza valores, significados e modos de agir, transformando a experiência compartilhada em estrutura psicológica própria. A relação com o outro não é, portanto, um simples meio de transmissão de conhecimento, mas o espaço onde o pensamento se constitui e ganha sentido. O desenvolvimento humano só se realiza plenamente quando o aprender é também um ato de convivência, diálogo e reciprocidade.

Essa leitura desloca uma ideia frequente na escola: a de que “dar aula” é suficiente. Para que haja aprendizagem significativa, é necessário haver mediação — e toda mediação começa por escutar o que já está presente no aluno e no grupo. A escuta docente, nesse sentido, é ferramenta didática. A partir dela, o professor identifica zonas de desenvolvimento proximal, adequa linguagem, reorganiza estratégias, decide quando precisa desacelerar, quando precisa retomar, quando precisa provocar.

Freire (2019, p. 56) descreve essa docência que escuta como docência crítica e consciente de si:

O educador que reflete sobre seu ato de ensinar compreende que não há docência sem discência, que ninguém ensina nada a ninguém, mas todos aprendem no diálogo e na troca de experiências. A educação é um ato de amor e, como tal, exige coragem para escutar e humildade para recomençar. Ensinar é um exercício permanente de escuta e autocrítica, um processo de constante reinvenção de si e do outro. O professor que se abre ao diálogo reconhece que educar é um ato coletivo e inacabado, no qual o saber se constrói na partilha e no reconhecimento mútuo. A verdadeira formação docente nasce dessa disposição ética de aprender com o educando e de transformar o cotidiano escolar em espaço de esperança e de humanização.

Esse ponto é crucial e merece destaque: escutar não enfraquece a autoridade docente, tampouco reduz o papel do professor a uma postura passiva ou emocionalmente vulnerável. Pelo contrário, a escuta o fortalece como profissional reflexivo, ampliando sua capacidade de compreender o que acontece no interior da sala de aula e de agir com intencionalidade pedagógica. O professor que escuta desenvolve sensibilidade para perceber nuances nas interações, identificar dificuldades de aprendizagem, reconhecer emoções e captar os sentidos que os alunos atribuem ao conhecimento. Ao ouvir atentamente, ele transforma o diálogo em ferramenta diagnóstica e formativa, tornando-se mais consciente de suas próprias escolhas metodológicas e mais apto a intervir com precisão e humanidade. Assim, a escuta deixa de ser apenas uma virtude relacional e se consolida como competência técnica e ética que qualifica o ensino e sustenta o processo educativo em sua totalidade.

Daniel Goleman (2018) traz um componente adicional ao tratar da inteligência emocional como competência profissional e não apenas pessoal. Na escola, a forma como o professor lê e responde às



emoções interfere diretamente no clima da sala e, portanto, nas condições concretas de ensino. Goleman (2018, p. 54) observa:

A consciência emocional é o primeiro passo para o autodomínio. Somente quem se reconhece e compreende suas emoções é capaz de compreender as emoções dos outros. O professor emocionalmente atento não apenas ensina melhor, mas também inspira confiança e segurança nos alunos. A prática da empatia exige sensibilidade e equilíbrio interior, pois não se trata de absorver a dor do outro, mas de compreendê-la sem perder o próprio centro. A inteligência emocional permite transformar o ambiente de aprendizagem em um espaço de harmonia, em que o diálogo e o respeito substituem o medo e a competição. Educar com inteligência emocional é cultivar relações saudáveis, baseadas na escuta, na calma e na capacidade de lidar com os conflitos de forma construtiva.

Essa perspectiva reforça que a escuta é também um poderoso instrumento de gestão de sala e de mediação de conflitos. O professor que pratica a escuta ativa compreende as emoções e intenções que permeiam as relações, prevenindo rupturas e favorecendo um ambiente de confiança. Escutar não é perder tempo, mas investir na qualidade do tempo pedagógico, transformando tensões em oportunidades de diálogo e crescimento. Ao acolher as vozes dos alunos, o docente cria condições para a aprendizagem significativa, restabelece o equilíbrio emocional do grupo e consolida um clima escolar mais colaborativo e produtivo

Ao mesmo tempo, é necessário afirmar que essa docência mediadora não é espontânea nem nasce apenas da “vocação”. Ela precisa ser formada, estudada, discutida, amparada. A Psicologia Educacional, nesse sentido, não serve apenas para explicar o aluno, mas para proteger o professor — oferecendo compreensão sobre os processos emocionais que atravessam o ensinar e ferramentas para lidar com eles de modo ético, sem adoecer.

Morin (2021, p. 109) formula isso de maneira radical:

A educação precisa aprender a enfrentar a incerteza, a conviver com o inesperado e a compreender o humano em sua totalidade. Não se educa apenas a mente, mas o ser que sente, ama, erra e sonha. Humanizar o ensino é religar saberes e sensibilidades que o modelo técnico separou. Educar é, antes de tudo, aceitar a complexidade da vida e reconhecer que o conhecimento não é fragmento, mas teia. A escola deve ser o lugar onde o saber se reencontra com a ética, onde o aprender não se limita à instrução, mas se transforma em experiência de convivência e solidariedade. Somente uma educação sensível, que una razão e emoção, será capaz de formar sujeitos conscientes de sua interdependência e de sua responsabilidade perante o mundo.

Ou seja, escutar não é um gesto opcional ou um luxo afetivo reservado aos momentos de empatia. Trata-se de uma necessidade essencial à prática educativa, uma condição estruturante de qualquer projeto pedagógico que se proponha a reconhecer o ser humano em sua totalidade. Escutar é compreender que o ato de ensinar envolve não apenas o domínio de conteúdos, mas a leitura das emoções, das intenções e dos silêncios que atravessam a sala de aula. É admitir que conhecimento e convivência são dimensões



inseparáveis do mesmo processo, pois aprender é sempre um exercício de relação e de presença. Dessa forma, a escuta torna-se o alicerce de uma educação que humaniza, acolhe e transforma.

2.3 ESCUTA, SAÚDE MENTAL E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE

Tratar a escuta como ferramenta da prática docente também significa admitir que o professor é sujeito emocionalmente exposto. A escola cobra dele equilíbrio, disponibilidade, preparo, autoridade, paciência, controle de grupo, domínio de conteúdo e, muitas vezes, resolução de conflitos sociais que extrapolam a sala de aula. Essa carga permanente, somada à ausência de espaços institucionais de acolhimento, tem gerado quadros de sofrimento ligados ao estresse crônico e ao esgotamento emocional docente, reconhecidos inclusive por organismos internacionais que discutem saúde ocupacional na educação (OMS, 2020).

Rogers (2009, p. 117) descreve a escuta profunda como experiência de reorganização emocional:

Quando uma pessoa é escutada de maneira profunda, começa a reorganizar sua própria experiência interna. O simples ato de ser compreendida sem julgamento a conduz a um processo de libertação e de reconstrução de si. Escutar é, portanto, curar pela presença. A escuta autêntica cria um espaço onde o outro pode existir sem máscaras, permitindo que emoções contidas sejam reconhecidas e transformadas em compreensão. Nesse encontro de confiança, a palavra torna-se caminho e o silêncio ganha significado, porque a atenção genuína desperta no sujeito a coragem de ser quem ele é. O poder terapêutico da escuta reside justamente nessa presença que não exige, não impõe e não condiciona — apenas acolhe e acompanha.

Essa leitura é crucial para pensar a escola: quando não há espaços de escuta entre pares, coordenação e professores, a dor docente vira silêncio; e silêncio vira adoecimento. Quando há escuta, há partilha, elaboração e sentido profissional coletivo. Ou seja, a escuta não protege apenas o aluno — protege o professor e, com isso, protege a escola.

Goleman (2018, p. 63) relaciona diretamente escuta, autorregulação emocional e manejo pedagógico:

O professor emocionalmente inteligente é aquele que reconhece os estados afetivos dos alunos e responde a eles com empatia e serenidade. O clima emocional de uma sala de aula é determinado, em grande parte, pela capacidade do educador de escutar e regular as próprias emoções. O docente que compreende o impacto de suas reações sobre o ambiente de aprendizagem torna-se mediador do equilíbrio coletivo, favorecendo o diálogo e a cooperação. A inteligência emocional aplicada à educação permite transformar tensões em oportunidades de crescimento e conflitos em momentos de aprendizado. Quando o professor domina suas emoções, ele ensina não apenas com o intelecto, mas também com o coração, inspirando confiança, respeito e segurança entre os estudantes.

Nesse contexto, a escuta se revela como uma competência essencial da profissão docente, sustentando tanto a condução pedagógica da aula quanto o equilíbrio emocional e relacional do grupo. Escutar é compreender dinâmicas, captar climas afetivos e intervir de forma sensível e assertiva diante das



necessidades que emergem no cotidiano escolar. O professor que desenvolve essa habilidade conduz o processo de ensino com mais empatia, flexibilidade e clareza, fortalecendo vínculos e promovendo um ambiente propício à aprendizagem. Assim, cuidar da escuta é também aprimorar a qualidade da prática docente, tornando-a mais humana, consciente e transformadora.

Freire (2019, p. 73) leva essa questão ao plano da formação continuada e lembra que o professor não pode ser tratado como alguém emocionalmente neutro, nem como máquina de resultados:

A formação do educador não se realiza no isolamento. Ela exige comunhão, partilha de experiências e diálogo constante sobre o sentido do educar. Ensinar é um ato de coragem e ternura, e somente quem é capaz de se escutar pode escutar o mundo e transformá-lo. O educador precisa reconhecer-se como ser inacabado, em permanente construção, que aprende ao ensinar e ensina ao aprender. A formação docente, nesse sentido, é um movimento contínuo de reflexão crítica sobre a prática, alimentado pelo amor, pela humildade e pelo compromisso ético com a emancipação do outro. Formar-se é, portanto, um ato de esperança, um gesto de fé na capacidade humana de reinventar o conhecimento e de fazer da educação um espaço de liberdade e de solidariedade.

Essa reflexão reposiciona a escuta como elemento essencial da formação docente, ampliando sua compreensão para além do domínio técnico e metodológico. Formar-se, nesse sentido, é também viver a experiência de ser escutado — de ter suas vozes, inquietações e vivências reconhecidas como parte do processo formativo. A escuta se torna, assim, condição para o desenvolvimento profissional autêntico, pois somente quando o professor é ouvido, ele se sente pertencente, valorizado e capaz de refletir criticamente sobre sua prática. Não há crescimento docente sustentável sem o cuidado com o que o educador sente, pensa e vive em seu cotidiano escolar.

Morin (2021, p. 115) sintetiza esse ponto ao afirmar que uma educação que ignora a dimensão humana tende a produzir sofrimento institucional e desintegração do sentido coletivo de trabalho:

A crise do humano nasce da incapacidade de compreender o outro e de compreender-se a si mesmo. É pela escuta e pela empatia que o sujeito se reconcilia com sua própria complexidade e com a incerteza do viver. O homem moderno, cercado por excessos de informação e pela fragmentação dos saberes, precisa reencontrar o sentido do vínculo que o une à vida e ao semelhante. A compreensão do outro é, ao mesmo tempo, um ato de lucidez e de humildade, pois nos recorda que toda certeza é parcial e que o conhecimento se enriquece na diversidade das vozes. A educação, quando se abre à escuta, devolve ao humano sua inteireza, religando razão e emoção, ciência e sensibilidade, para que a convivência se torne novamente o coração do saber e da vida em comum.

Com isso, torna-se evidente que a escuta precisa ser reconhecida institucionalmente. Não basta depender do esforço pessoal de cada professor. É necessário que haja tempos coletivos de fala e de planejamento, equipes multiprofissionais que acolham e acompanhem demandas emocionais e pedagógicas, e políticas de gestão que não tratem o sofrimento docente como fraqueza individual, mas como questão de saúde do trabalho e de qualidade educacional (Tardif, 2019; OMS, 2020).



Em síntese, a escuta ultrapassa a dimensão individual e se consolida como prática de cuidado institucional e de valorização docente. Quando a escola cria espaços reais de fala, acolhe as experiências de seus profissionais e legitima suas emoções, ela transforma a escuta em política educativa. Escutar o professor é reconhecer sua humanidade, suas demandas e seus limites, fortalecendo o sentimento de pertencimento e o compromisso coletivo com o ensino. Assim, a escuta se torna um pilar de gestão humanizada, capaz de promover bem-estar, prevenir o adoecimento e consolidar uma cultura escolar baseada no respeito, na cooperação e na dignidade profissional.

3 METODOLOGIA

A presente investigação insere-se no campo das pesquisas qualitativas, de natureza bibliográfica e caráter descritivo-analítico, orientando-se pela compreensão de que os fenômenos educativos não podem ser reduzidos a números ou mensurações, mas exigem interpretação, sensibilidade e leitura crítica de contextos. Essa abordagem busca compreender a escuta como ferramenta constitutiva da prática docente, revelando-a em sua dimensão ética, pedagógica e humana. O estudo parte do princípio de que a escuta, enquanto mediação relacional, emerge das experiências vividas no cotidiano escolar e se manifesta nos gestos, nas palavras e nos silêncios que atravessam o ato de ensinar.

A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2017, p. 27), “procura captar o universo dos significados, das motivações e das relações humanas, partindo da convicção de que a realidade social é produto das ações e interpretações dos sujeitos que a constroem”. Essa definição reforça o caráter interpretativo adotado neste trabalho, que não busca apenas descrever a escuta, mas compreender seus sentidos no contexto da formação e da atuação docente. Assim, mais do que reunir conceitos, o estudo propõe um exercício de leitura ética e crítica sobre o papel da escuta na construção de práticas educativas humanizadas.

A investigação baseou-se em ampla revisão teórica de obras clássicas e contemporâneas da Psicologia Educacional e da Educação Humanista, privilegiando autores que articulam emoção, subjetividade e formação — como Carl Rogers (2009), Paulo Freire (2019), Lev Vygotsky (1998), Edgar Morin (2021) e Daniel Goleman (2018). Complementarmente, foram consultados documentos e pesquisas recentes sobre formação docente e saúde emocional no trabalho educativo (Tardif, 2019; OMS, 2020). Essa seleção buscou garantir a consistência teórica e a atualidade das reflexões, estabelecendo um diálogo entre diferentes matrizes do pensamento educacional.

Conhecer exige integrar, religar e contextualizar. Nenhum fenômeno humano pode ser compreendido isoladamente, pois toda parte contém o todo e o todo habita cada parte. O pensamento complexo reconhece a interdependência entre os saberes e propõe uma visão que supera a fragmentação do conhecimento. Compreender o mundo requer, portanto, situar cada elemento em seu contexto, relacionando o particular e o global em um mesmo tecido de significações (Morin, 2021, p. 97).

A citação de Morin sintetiza a perspectiva metodológica que orienta este estudo: compreender a escuta não como fragmento de uma dimensão psicológica ou comunicativa, mas como totalidade que interliga afetividade, ética e pedagogia. Assim, a análise dos autores foi conduzida de modo dialógico e comparativo, permitindo identificar convergências entre as abordagens humanista e sociocultural — que defendem o diálogo e a empatia como condições estruturantes da aprendizagem — e as contribuições da psicologia contemporânea, que apontam a escuta como recurso de manejo emocional e mediação pedagógica.

A leitura das obras e documentos foi guiada por um movimento interpretativo, no qual teoria e reflexão se entrelaçaram com o propósito de revelar o papel da escuta na formação e na prática docente. A análise do material selecionado considerou três dimensões centrais: a escuta como mediação de aprendizagem, como prática de cuidado e como princípio ético de convivência escolar. Essa organização interpretativa não se deu de forma estanque, mas em permanente interdependência, respeitando o caráter dinâmico e complexo do fenômeno educativo.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, e é nessa relação entre o vivido e o pensado que o conhecimento ganha sentido. O ato de ler ultrapassa o texto escrito e se enraíza na experiência cotidiana, nos gestos, nas falas e nas práticas sociais. É na leitura do mundo que o sujeito compreende sua realidade e descobre seu papel como agente de transformação. Assim, educar é ensinar a ler o mundo para poder reescrevê-lo com consciência e compromisso (Freire, 2019, p. 68).

Inspirado na concepção freireana de leitura do mundo, o percurso metodológico adotado reconhece que pesquisar é também escutar. Escutar autores, ideias e experiências é uma forma de diálogo que produz conhecimento situado e comprometido com a realidade. A leitura crítica e interpretativa do corpus teórico permitiu que a pesquisa fosse além da compilação de conceitos, alcançando uma síntese reflexiva sobre o papel da escuta como prática transformadora.

O método descritivo-analítico, aliado à abordagem qualitativa, viabilizou a identificação das conexões entre escuta, formação docente e saúde emocional. Essa estratégia interpretativa foi essencial para revelar que o ato de escutar, dentro do ambiente escolar, não é apenas gesto afetivo, mas instrumento técnico e ético de aprimoramento da prática educativa. Ao analisar a produção científica e filosófica sobre o tema, buscou-se destacar como o desenvolvimento da escuta contribui para a construção de escolas mais humanas, cooperativas e democráticas.

Desse modo, a metodologia aqui empregada assume o compromisso de compreender a escuta como princípio de pesquisa e como objeto de estudo. O trabalho se apoia em uma postura investigativa que combina rigor teórico, sensibilidade ética e abertura à pluralidade de vozes. Assim, a análise não se limita ao campo conceitual, mas busca traduzir em reflexão crítica o modo como a escuta pode se tornar eixo



formativo e sustentação da prática docente, reafirmando que conhecer o humano é, antes de tudo, aprender a escutá-lo..

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise desenvolvida nesta pesquisa evidencia que a escuta, quando incorporada de forma consciente e ética à prática docente, se configura como um dos pilares mais potentes da humanização do processo educativo. O exame das obras de referência e das contribuições teóricas selecionadas revelou que o ato de escutar, longe de ser um gesto passivo ou sentimental, constitui-se como um verdadeiro instrumento pedagógico, capaz de reorganizar a dinâmica da sala de aula e promover um novo paradigma de relação entre o professor e o estudante. Escutar é interpretar o outro em sua complexidade, acolher suas experiências e traduzir suas manifestações em possibilidades formativas que ampliam o sentido do aprender e do conviver.

O estudo demonstrou que a escuta, compreendida sob o viés da Psicologia Educacional e da Educação Humanista, opera simultaneamente em três dimensões: cognitiva, relacional e ética. No plano cognitivo, ela orienta a mediação pedagógica, favorecendo a identificação das reais necessidades de aprendizagem e permitindo intervenções mais precisas e contextualizadas. No campo relacional, estabelece vínculos afetivos e de confiança que fortalecem o engajamento e o pertencimento dos estudantes. Na dimensão ética, reafirma o compromisso do educador com a dignidade do outro, transformando o espaço escolar em território de escuta, diálogo e reconhecimento mútuo.

Carl Rogers (2009, p. 102) descreve com notável sensibilidade a força humanizadora do ouvir genuíno ao afirmar:

Quando alguém é verdadeiramente escutado, algo profundo se transforma dentro dele. As palavras não apenas ganham significado, mas o próprio ser se reorganiza. A compreensão empática é uma das forças mais poderosas de crescimento humano. Escutar com atenção genuína é permitir que o outro se revele sem medo, é criar um espaço seguro em que a pessoa possa existir em sua inteireza. A escuta empática é uma presença silenciosa, mas profundamente ativa, que devolve ao sujeito a confiança em sua própria voz e o encoraja a redescobrir o sentido de sua experiência.

Ao transpor esse entendimento para o contexto educacional, constata-se que a escuta não é apenas uma ferramenta de acolhimento emocional, mas um meio de reconstruir a confiança e a autoestima dos estudantes, muitas vezes fragilizados pelas relações hierarquizadas que permeiam o ambiente escolar. O professor que escuta não apenas ouve — ele legitima, reconhece e ressignifica a palavra do outro, transformando-a em conhecimento e em presença.

Paulo Freire (2019, p. 71), ao discutir o diálogo como essência da prática educativa, amplia esse horizonte e recorda que o ato de escutar é, antes de tudo, um ato de coragem e de libertação:



Aquele que se nega a escutar o outro recusa o encontro e, ao recusar o encontro, nega a própria possibilidade de aprender. Escutar é abrir-se ao mundo, é reconhecer a incompletude que nos habita e que nos impulsiona a buscar o outro como parceiro na construção do saber. Negar a escuta é perpetuar o silêncio e a exclusão; escutar, ao contrário, é um ato de coragem e generosidade, porque implica acolher a diferença e admitir que o aprendizado nasce do compartilhamento.

Nessa direção, a escuta emerge como ato político, porque desestabiliza as relações verticalizadas e instaura uma pedagogia horizontal, em que o diálogo substitui a imposição e o afeto se converte em elo formador. Essa dimensão política do ouvir amplia o conceito de autoridade docente: não mais baseada na imposição, mas na legitimidade que nasce da confiança e do respeito mútuo.

Ao aproximar as perspectivas de Freire e Rogers, compreende-se que a escuta docente é um gesto transformador. Ela ultrapassa a mera dimensão comunicacional e torna-se metodologia de ensino. O professor que escuta observa melhor, intervém com mais precisão, compreende as causas das dificuldades e constrói pontes entre o conhecimento científico e as vivências cotidianas dos alunos. O silêncio, muitas vezes interpretado como desinteresse, passa a ser percebido como linguagem que comunica medos, inseguranças e expectativas. Escutar, nesse sentido, é também interpretar o não dito e ler o que se expressa nas entrelinhas do comportamento humano.

No âmbito da Psicologia Educacional, Vygotsky (1998, p. 84) reforça que toda aprendizagem é mediada pela interação e que a linguagem constitui o principal instrumento de desenvolvimento intelectual:

Cada função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro, no nível social e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas, e depois dentro da própria criança. Toda aprendizagem é mediada pela presença do outro, que atua como espelho e ponte entre o eu e o mundo. É na relação com o outro que o sujeito internaliza signos, reconstrói experiências e desenvolve suas capacidades cognitivas. Assim, o aprendizado não é um ato isolado, mas um processo social profundamente humano e compartilhado.

Essa perspectiva evidencia que a escuta é parte integrante do processo de mediação cognitiva. Quando o professor se dispõe a escutar, ele se aproxima do universo simbólico do aluno, identifica sua zona de desenvolvimento proximal e favorece a construção de aprendizagens significativas. A escuta é, portanto, um instrumento que potencializa a mediação entre saber e experiência, razão e emoção, teoria e prática.

A análise também revela que a escuta, enquanto atitude profissional, atua diretamente na qualidade do ambiente escolar e na saúde emocional dos professores. A ausência de espaços de fala e de diálogo institucional tem sido apontada como uma das principais causas do adoecimento psíquico docente, manifestado em quadros de estresse, ansiedade e síndrome de burnout. Nesse sentido, a escuta deve ser compreendida como uma forma de cuidado coletivo e não apenas individual. A escola que escuta seus educadores cria vínculos de pertencimento, reduz tensões e fortalece a coesão do grupo de trabalho, convertendo a convivência em prática formativa.



Goleman (2018, p. 63) complementa esse raciocínio ao relacionar a escuta à inteligência emocional e à qualidade das interações sociais:

O professor emocionalmente inteligente é aquele que reconhece os estados afetivos dos alunos e responde a eles com empatia e serenidade. O clima emocional de uma sala de aula é determinado, em grande parte, pela capacidade do educador de escutar e regular as próprias emoções. Quando o professor domina suas emoções, ele ensina não apenas com o intelecto, mas também com o coração, inspirando confiança e segurança entre os estudantes.

A partir dessa leitura, fica evidente que a escuta é uma competência técnica e relacional que deve ser desenvolvida nos processos de formação docente. Escutar é um ato que requer preparo, maturidade e intencionalidade, pois envolve compreender o outro sem dissolver-se nele e dialogar sem perder o foco pedagógico. A escuta profissional é ativa, sensível e crítica: não apenas acolhe, mas também interpreta, devolve e reorienta o percurso educativo.

Edgar Morin (2021, p. 122) sintetiza com precisão essa compreensão ao afirmar que:

Educar é compreender que o humano é ao mesmo tempo razão e emoção, palavra e silêncio, autonomia e dependência. Escutar é religar o que foi separado, é restaurar o tecido sensível das relações, é reencantar o ato de ensinar. O ensino que não escuta perde o sentido, pois reduz o conhecimento à transmissão e ignora o vínculo afetivo que sustenta toda aprendizagem.

Tal afirmação reforça que a escuta, além de instrumento pedagógico, é princípio epistemológico: sem escuta, não há religação entre saber e vida, nem sentido coletivo na construção do conhecimento. O professor que escuta aprende junto com seus alunos e transforma o ato de ensinar em diálogo permanente entre teoria e experiência.

Os resultados desta análise apontam, portanto, para uma compreensão ampliada da escuta como fundamento da prática docente contemporânea. Ela não se restringe à dimensão individual do professor, mas deve ser incorporada como valor institucional e política de formação continuada. Criar espaços de escuta dentro da escola é garantir o exercício pleno da docência e assegurar o direito de todos — educadores e educandos — à palavra, ao diálogo e ao reconhecimento.

Em síntese, a escuta se revela como um elemento estruturante do processo educativo, articulando razão e sensibilidade, técnica e afeto, ensino e convivência. Ao reconhecer sua relevância, reafirma-se que o educar não se limita à transmissão de saberes, mas envolve a arte de compreender o outro e de construir com ele novos significados para o mundo. Onde há escuta, há aprendizado, vínculo e transformação; onde ela falta, instala-se o ruído, o distanciamento e a fragmentação das relações humanas que sustentam a educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão conduzida ao longo deste estudo reafirma que a escuta é mais do que uma habilidade comunicativa: é o alicerce ético, humano e pedagógico sobre o qual se sustenta o ato de ensinar. Retomando o tema proposto — a escuta como ferramenta de apoio à prática docente —, compreende-se que escutar, em sua essência, é reconhecer o outro como sujeito de saber e como presença legítima no processo educativo. Essa constatação desloca a escuta do campo da sensibilidade para o território da necessidade formativa, revelando-a como condição para o diálogo, a convivência democrática e a construção de uma escola que aprende com as vozes que abriga.

O objetivo deste trabalho consistiu em analisar, sob a perspectiva da Psicologia Educacional e da Educação Humanista, o papel da escuta na formação e na prática docente, considerando suas implicações para o desenvolvimento pessoal, profissional e institucional do educador. A pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, possibilitou a leitura integrada das contribuições de Carl Rogers, Paulo Freire, Lev Vygotsky, Edgar Morin e Daniel Goleman, que, em diferentes enfoques, convergem na defesa da escuta como elemento formador de vínculos, promotor da saúde mental e mediador de processos de aprendizagem significativa.

Os resultados obtidos confirmam a hipótese inicial de que a escuta, quando incorporada de modo intencional e ético ao cotidiano escolar, transforma-se em um dispositivo de cuidado e de mediação pedagógica. Ela favorece o reconhecimento do aluno como sujeito ativo, amplia a consciência docente sobre as próprias práticas e fortalece o tecido relacional que sustenta o processo educativo. Escutar é, portanto, um gesto profissional e político que humaniza a escola e a torna mais sensível às necessidades emocionais e cognitivas de seus integrantes.

A análise permitiu constatar ainda que o fortalecimento da escuta no contexto docente está diretamente associado à valorização institucional do professor. Quando a escola cria espaços para o diálogo, reconhece o sofrimento, as expectativas e as conquistas de seus profissionais, ela contribui para a saúde emocional coletiva e para a qualidade das práticas pedagógicas. A escuta, nesse sentido, ultrapassa o campo da comunicação individual e assume o estatuto de política de gestão e de formação, reafirmando que o cuidado com o educador é condição para o pleno exercício do educar.

Os achados também evidenciam que a escuta é um recurso pedagógico que potencializa a aprendizagem e o desenvolvimento humano. Ao escutar com atenção e empatia, o professor transforma o ambiente de sala de aula em espaço de partilha, pertencimento e reconstrução de sentidos. Essa atitude, além de favorecer a aprendizagem significativa, gera um clima emocional saudável e produtivo, no qual o conhecimento deixa de ser mera informação e se converte em experiência vivida.

Do ponto de vista teórico, o estudo contribui para consolidar a escuta como categoria central nas discussões sobre formação docente, saúde mental e práticas pedagógicas humanizadas. No campo prático,



reafirma a urgência de incluir a escuta como eixo estruturante nos programas de formação continuada, nos processos de acompanhamento pedagógico e nas políticas públicas voltadas à valorização dos profissionais da educação. Escutar o professor, antes de exigir que ele escute o aluno, é um gesto de reconhecimento e de reciprocidade institucional que fortalece a identidade e o sentido da profissão docente.

A hipótese que orientou esta investigação — a de que o ato de escutar é também um ato de ensinar — foi confirmada à luz das análises realizadas. O ouvir não apenas complementa a prática pedagógica, mas a redefine, instaurando uma pedagogia da presença e da sensibilidade. A escuta promove a reconstrução de vínculos, o diálogo entre saberes e o resgate do sentido humanizador da educação, especialmente em tempos de fragmentação, automatismo e esgotamento emocional nas escolas.

Por fim, esta pesquisa reforça que não há educação transformadora sem escuta. O professor que escuta torna-se mediador de sentidos, criador de vínculos e promotor de consciência crítica. O aluno que é escutado aprende a confiar em sua própria voz e a se perceber como sujeito de direitos e possibilidades. A escola que escuta deixa de ser mero espaço de instrução para se tornar ambiente de convivência, cuidado e emancipação.

Como desdobramento, recomenda-se que futuras investigações aprofundem a análise empírica da escuta em contextos escolares diversos, com foco nas relações entre escuta docente, saúde mental e inovação pedagógica. Estudos de campo, comparativos e interdisciplinares poderão ampliar o entendimento sobre como a escuta se materializa nas práticas cotidianas e como ela pode ser institucionalizada como política permanente de formação e de valorização profissional.

Em síntese, conclui-se que a escuta é o coração da prática docente e o caminho mais fecundo para reconstruir a dignidade da educação. Escutar é cuidar, compreender e transformar — três dimensões inseparáveis que, quando entrelaçadas, devolvem ao ato de ensinar seu sentido mais pleno: o de formar seres humanos capazes de dialogar, aprender e coexistir com sensibilidade e esperança.



REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 5. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BONAMINO, Alicia; SOUSA, Sandra Zákia de. *Avaliação e políticas educacionais: ensaios críticos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 25 out. 2025.
- BRASIL. *Plano Nacional de Educação – PNE (2014–2024)*. Brasília: Ministério da Educação, 2014. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/>. Acesso em: 25 out. 2025.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. *Educação e avaliação: fundamentos e perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.
- DOURADO, Luiz Fernandes. *Avaliação e regulação da educação básica: desafios atuais*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, 2015.
- FERNANDES, Domingos. *Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas*. Porto: Porto Editora, 2019.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- FREITAS, Luiz Carlos de. *Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do conhecimento escolar*. 3. ed. São Paulo: Autêntica, 2014.
- GATTI, Bernardete A. *Formação de professores e qualidade da educação*. Campinas: Autores Associados, 2020.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB): resultados e relatórios técnicos*. Brasília: INEP, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb>. Acesso em: 25 out. 2025.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Políticas educacionais e qualidade da escola pública: desafios da contemporaneidade*. São Paulo: Cortez, 2020.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde e ciências sociais*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2022.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2021.



OMS – Organização Mundial da Saúde. *Occupational health: teachers' mental health and wellbeing*. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 25 out. 2025.

ROGERS, Carl R. *Tornar-se pessoa: um ponto de vista da psicoterapia*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SAVIANI, Dermeval. *Política e educação no Brasil: o papel do Estado na democratização do ensino*. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

SOARES, José Francisco. *A qualidade da educação: avaliação, indicadores e políticas públicas*. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

SOUSA, Sandra Zákia de. *Avaliação da educação básica: políticas, instrumentos e resultados*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, 2021.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.